

BCH-UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

**AGRESSIVIDADE COMO FATOR DE
VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Reginilda de Oliveira Farias

Fortaleza - CE
2005

AGRESSIVIDADE COMO FATOR DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Reginilda de Oliveira Farias

**MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL
PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ.**

Fortaleza - 2005

Aos meus pais, Raimundo Farias e Maria Elenita de Oliveira Farias pela compreensão e dedicação dispensada ao longo dos tempos, ao meu querido e amado marido, Silvio Ursulino Oliveira pelo incentivo e apoio e a minha amiga, Milena Mendes Costa, destino os meus sinceros agradecimentos.

Dedicação especial a todos os professores que faz do seu cotidiano um momento especial na construção de uma sociedade justa e ética.

"Uma criança agressiva necessita de uma relação afetiva muito profunda este é o caminho que o professor deve trilhar, aceitar o desafio, quando nos deparamos com crianças com esses comportamentos, é caminhar no sentido de construir uma educação mais aberta, mais científica e de aprendizagem mutua".

(Airton Negrine)

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
1 – A FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA AGRESSIVIDADE FÍSICA..	10
1.1 Fundamentação Teórica.....	10
1.2 Investigação do Problema.....	13
1.3 Intervenção da Agressividade no Contexto Escolar.....	15
1.4 Objetivo da Intervenção da agressividade.....	19
2 - A AGRESSIVIDADE E A RESILIÊNCIA.....	21
2.1 Agressividade Humana.....	21
2.2 A adolescência tardia e a resiliência.....	25
2.3 A adolescência, a família e resiliência.....	29
2.4 O Papel da Família e da Escola na Agressividade Infantil.....	31
3 – AGRESSIVIDADE NA CRIANÇA E NA ADOLESCÊNCIA.....	35
3.1 Agressividade na Fase Infantil.....	35
3.2 Agressividade na Adolescência.....	38
3.3 A violência como fator da agressividade.....	39
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

RESUMO

Este trabalho tem como propósito desenvolver uma apreciação sobre a questão da agressividade como fator desencadeador da violência no contexto educacional, neste aspecto levanta como problemática o fato de estar sendo observado no âmbito das escolas de ensino fundamental e médio espalhadas pelo Brasil inúmeros casos de violências gerados pela agressividade manifestada pelos educandos. Neste contexto as unidades de ensino não se mostrarem capazes de superar os problemas gerados pelo comportamento agressivo no interior das salas de aula, onde há um número expressivo de educandos que trazem consigo uma carga de emoções as quais são transmitidos mediante o comportamento rebelde e indisciplinado. Para desenvolvimento do presente estudo foi utilizada uma metodologia qualitativa sendo feita uma investigação a partir da concepção de autores entre os quais pode-se citar Ajuriaguerra, Azevedo, Ceccarelli, Cubero, Fernandes, entre outros. Partindo de uma fundamentação teórica chega-se a conclusão de que o fator agressividade leva o indivíduo a explicitar ações as quais geram conflitos de ordem social e intelectual, levando o educando a evidenciar dificuldades de aprendizagem e, assim o desestímulo para enfrentar os revés do processo educacional. Neste aspecto é que se torna necessário a atuação dos professores que por meio de técnicas e métodos eficazes podem vir a contornar a situação inibindo o fenômeno agressividade e promovendo o avanço no processo de ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma abordagem sobre a temática agressividade humano no contexto escolar, destacando neste sentido questões de violência observadas no âmbito de escolas de ensino fundamental, onde há uma incidência de casos de agressividades entre crianças e adolescente, fator este que causa preocupação de pais e professores.

Por meio da pesquisa proposta pretende-se levantar como problemática o fato das unidades de ensino não se mostrarem capazes de superar os problemas gerados no meio escolar, mais precisamente no interior das salas de aula, onde há um número expressivo de educandos que trazem consigo uma carga de problemas os quais são transmitidos mediante o comportamento rebelde e indisciplinado.

Para desenvolvimento do presente estudo foi utilizada uma metodologia qualitativa sendo feita uma investigação a partir de concepção de autores entre os quais pode-se citar Ajuriaguerra (1977), Azevedo (1984), Ceccarelli (2001), Cubero (1998), Fernandes (1990), entre outros.

Tomando por fundamentação os comentários e concepções dos autores listados, no transcorrer do presente estudo, pretende-se estruturar uma investigação teórica sobre as possíveis causas do fenômeno agressividade no âmbito escolar, tomando como campo de observações à realidade verificada no contexto do ensino fundamental, mais precisamente na esfera das turmas de turmas de 1^a a 4^a série, onde se notifica a presença mais acentuada de criança e pré-adolescente.

A estrutura do estudo ora exposto compreende três capítulos dispostos da seguinte forma: no primeiro capítulo faz uma abordagem sobre a questão formação e desenvolvimento da agressividade física, identificando neste

aspecto o problema proposto a estudo. No segundo capítulo expõe a temática a agressividade e a resiliência, favorecendo assim o desenvolvimento do assunto esboçado no capítulo anterior. O terceiro capítulo diz respeito a questão agressividade na criança e na adolescência, especificando o problema como um fator que se faz presente tanto na família como na escola, exigindo assim a utilização de estratégias pedagógicas que possam amenizar os conflitos gerados por esta realidade.

As formulações dos capítulos já especificadas foram construídos a partir de uma apreciação teórica do assunto exposto. Neste sentido foram feitas leituras e apreciações de estudos desenvolvidos no âmbito da Psicologia, Sociologia, pedagogia e outras áreas afins.

Após apresentação do problema e da fundamentação teórica existente no campo das ciências humanas foi possível perceber que o fenômeno agressividade constitui um dos problemas que vem tomando uma expressão notória nos mais diferentes campos sociais, neste ângulo cita-se a família e a escola, pólos principal onde se cogita a formação social e intelectual do indivíduo.

1 – A FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA AGRESSIVIDADE FÍSICA

1.1 Fundamentação Teórica

Partindo do entendimento de que a agressividade é um elemento essencial da personalidade, presente desde a mais tenra idade, englobando nas suas fronteiras os instintos de descoberta, atividade e posse, quando excessiva torna-se patológica, acrescida da hostilidade destrutiva, violência, vontade deliberada de prejudicar, incomodando não só os que rodeiam a pessoa, mas também a ele própria, na medida em que se apercebe dela, e se mostra por vezes incapaz de a controlar, a não se voltando contra si.

Em geral, a atitude dos pais é conseguir reprimir a agressividade em vez de canalizá-la para fins perfeitos, neste sentido Mielnik (1993) acredita que provém grande dificuldade da educação das crianças com comportamentos agressivos, pois estas a agressividade impede que haja o interesse por parte da criança para a aprendizagem.

Os comportamentos agressivos tais como: bater em alguém, atirar objetos, bater com o pé, entre outros, na opinião de Rideau (1997) aumentam de frequência com a idade, estes podem ser encontrados desde a época em que a criança começa a andar, em média aos 4 anos, 50% das crianças manifestam estas expressões de agressão. Após esta idade, a agressividade muda de manifestação, torna-se mais controlada pelo indivíduo e, é parcialmente afastada para o subconsciente, e desprendida em atividades admissíveis.

Na opinião do autor anteriormente citado, trabalhar a agressividade baseia-se em canalizá-la para fins sociais e pessoalmente aceites. É

recomendado transferir a agressividade para atividades pedagógicas mais prazerosas e simples, como os jogos e as brincadeiras lúdicas, em vez de reprimi-la pura simplesmente. A prática de esporte é muita vez eficaz assim como certas atividades de pintura e modelagem constituem em escape para a agressividade. Se esses meios falham, é necessário tentar atingir a verdadeira causa do problema, depois de um estudo de personalidade da criança e da eliminação das possíveis causas orgânicas. Os medicamentos produzem geralmente pouco efeito se a causa é meramente psíquica como é o caso mais freqüente.

Existem realmente crianças que batem nas outras, no entanto, para Weil (1999), há vários tipos de motivos, que podem levar uma criança a um ato de agressividade e rebeldia. Acredita-se que a causa seja a incompreensão dos educadores ou ciúmes inconscientes, cujas origens precisam ser descobertas. A criança ciumenta é facilmente hostil aos colegas.

Agressividade física pode ser oriunda do desconhecimento manifestada pela criança diante do estranho, nesse sentido a criança ataca visando se defender de possíveis ações do que para ela não é conhecido. Neste contexto cabe aos pais mostrar os possíveis caminhos para o convívio com o que lhe é estranho ou desconhecido.

É fato indiscutível, conforme Train (1997) que a maioria das crianças com menos de 10 anos, quando vão ao cinema, talvez, sobretudo, depois dos chamados inofensivos desenhos animados, revelam-se insuportáveis, tentando dramatizar e imitar o que viram. Conhecendo alguns casos de crianças que se tornaram instáveis e inquietas depois do aparecimento da televisão, o procedimento adequado é afastá-lo da televisão e procurar orientá-lo de forma adequada.

Na opinião do autor anteriormente citado, o acompanhamento familiar, é primordial no desenvolvimento sócio-intelectual da criança, sendo ligada a conduta dos filhos na escola, em casa ser em grande parte uma reação do comportamento dos pais para com os filhos. Isto é, a maioria dos problemas de

comportamentos, tais como a ausência de atenção, agressividade ou instabilidade, são causados pela conduta e pela atividade dos pais. Já é comum a afirmação de que há mais pais problemas do que filhos problemas. Para o autor comentado, crianças agressivas que presenciam brigas dos pais, ao percebidas na escola por professores perspicazes que podem adivinhar a atitude dos pais em casa, pela simples observação do comportamento do filho na escola.

Muitos dos problemas da aprendizagem conforme Ceccon et alii (1997), poderiam ser resolvidos se a escola tivesse uma outra atitude face à agressividade. Até hoje a escola, tratou a agressividade como um defeito que só vem atrapalhar o trabalho na escola. E, de fato, atrapalha, porque a escola não foi pensada para os agressivos. A escola foi pensada para uma criança ideal, uma criança que pode estudar em casa com calma.

Em suma, a escola não foi pensada para resolver problemas, se a maioria dos professores e das autoridades de ensino procurassem saber se a escola poderia se organizar de outra maneira, levando em conta a grande massa de crianças agressivas na escola talvez não haveria tanta dificuldade escolar. Segundo o autor se essa criança fosse cumprimentada pela professora sentir-se recompensada por algum esforço positivo, sentir apoio da professora aos pouco ela vai se percebendo capaz de aprender. Ela se sentirá interessada e menos agressiva.

O ser humano, esclarecimento de Train (1997), tem instinto inato, inclusive o da agressividade. Os educadores tendem acreditar que podem ajudar uma criança agressiva, respondendo-a por comportamento bom, e dando pouca relevância às suas atitudes de explosões inaceitáveis. A criança agressiva necessita de respeito e bastante atenção, não sendo ignorada imprudentemente pelo educador, pois essa atitude pode dificultar o processo de ensino-aprendizagem. A agressividade pode ser provocada por diferentes componentes psicológicos.

Embora existam diferentes enfoques das origens da agressividade físicas, o autor acrescenta que o desenvolvimento de um comportamento agressivo inicia-se de um desconforto corporal, varia segundo o nível de carga negativa que cada criança armazena, entendida como desconforto corporal.

Nesse sentido, a agressividade é uma manifestação do desconforto que traduz o panorama interior no qual a criança se encontra naquele momento. É um estado emocional de desacordo, de desequilíbrio afetivo, de descargas tônicas. Pode significar descontentamento de como as coisas acontecem consigo, na relação afetiva que a criança tem com as pessoas mais próximas ou que exercem certa influência sobre ela.

Na opinião de Mielnik (1993), a agressividade é situação que surge no ambiente familiar e exige dos pais um condicionamento especial, para compreender os motivos de tanta agressividade entre crianças do tipo que são: o desejo de pegar algo que se acha em poder de outra criança, a intromissão de algum companheiro novo ou indesejável, o desejo de mandar nos outros e, a discordância de pontos de vista com irmãos, outras crianças ou mesmos adultos.

Uma criança sempre obediente aos desejos dos pais, conforme parecer de Salk (1992), provavelmente foi submetida a uma disciplina extremamente rigorosa, inclusive castigos severos. Toda a sua personalidade lhe foi roubada, às vezes até por pancadas, fatores estes que podem inibir a criatividade e espontaneidade da criança.

1.2 Investigação do Problema

A origem do comportamento agressivo, também pode ser influenciada pela relação Pai/Filho, visto que este é um aspecto importante na formação de uma personalidade pouco ou muito agressiva. A agressão e a frustração são fatores correlacionados, pois as reações agressivas podem assumir várias

formas, tais como: chorar, espernear e esbravejar. A frustração sentida pelo indivíduo também pode ser exposta como atitudes fisicamente aparentes como murros, pontapés e mordidas.

Em grande parte as crianças aprendem a agir com o agente causador da sua frustração (pais, irmãos, amigos ou outros indivíduos de seu convívio), de uma maneira indireta, revidando às atitudes não aprovadas em que elas estão inseridas como fingir quando estão machucadas colocando a culpa em outro como forma de vingança.

As crianças também descobrem que o ataque físico nem sempre é uma boa política para resolver o problema, a medida que acontece o desenvolvimento da linguagem, elas usam o ataque verbal como forma de revidar diante de situações tais como xingar, ridicularizar, praguejar, entre outras ações as quais são reações agressivas, simbólicas da frustração.

A agressividade pode ser vista como um desejo de afirmar-se ou exibir-se perante os outros. Os indivíduos superagressivos e anti-sociais são oriundos conforme enfatiza José Coelho (2004), de ambientes onde há rejeição dos pais ou parentes, excessiva tolerância da agressividade, falta de supervisão dos pais ou responsáveis, desvios sociais dos pais e parentes, discórdias em família, tratamento incoerente, uso de punições físicas dolorosas e ameaças de punição física.

O estudo da agressividade em crianças revelou que o convívio social e os fatores instigadores de agressão no lar contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da superagressividade. Observa-se que a agressividade está se tornando uma rotina nas comunidades em geral. Diante deste problema, é necessário investigar causas da agressividade da criança frente a educação e a família.

O primeiro passo para saber o que há por trás do comportamento de uma criança agressiva, conforme Salk (1992), consiste em identificar o problema antes de resolve-lo. Quando uma criança que está com a vida construída, o

autor comenta que quando se aprofunda mais um pouco na investigação, percebe muitas vezes que estas crianças provêm de lares em que os pais estão preocupados com seus próprios problemas, ou por vários motivos dão pouca atenção a seus filhos. Esses pais só se preocupam com as crianças quando forçadas, e só o fazem quando os filhos estão com dificuldades.

Conforme o autor mencionado acima, crianças com graves problemas de agressividade, revolta e desafio, geralmente têm mães que são muito ocupadas para dedicarem seu tempo a elas, ou para se interessarem por seu crescimento e desenvolvimento num momento em que elas como os pais são muito necessários. Segundo Chagas (1999, p. 34):

“... as crianças agressivas utilizam esse tipo de comportamento como forma de se defenderem do que as rodeiam, e não necessariamente porque tenham instintos ou pensamentos violentos. Por isso os comportamentos de bater, beliscar e morder, são maneiras que as crianças encontram para mostrarem sua importância familiar”.

Pode-se dizer que normalmente a criança faz uso de atitudes agressivas para superar sua timidez ou repressão, sendo o ato agressivo uma forma de escudo para que os outros não vejam suas limitações e fraquezas.

1.3 Intervenção da Agressividade no Contexto Escolar

Para muitos estudiosos entre os quais pode-se citar Train (1997), a agressividade pode ser combatida por meio do respeito ao indivíduo. Neste contexto o educador assegura-se de que tomando providencias cabíveis para diminuir a possibilidade de ocorrência de agressividade física estará dando uma expressiva contribuição à diminuição da violência no âmbito das salas de aula e, desta forma no meio escolar no sentido geral.

A violência é um fenômeno que cresce a cada dia e para que seja possível descobrir as contradições que envolvem a construção social da categoria violência, especialmente nas escolas, convém considerar que é preciso que se faça uma análise multidimensional à luz de seus determinantes socioeconômicos e político-culturais. É importante observar também como se situam os sujeitos no cotidiano escolar.

Para pensar na questão da violência nas escolas, faz-se necessária além da formação continuada dos professores, uma análise da cultura da escola, que se constitui pelo conjunto dos saberes, teorias, princípios, práticas educativas, normas, modos de pensar e agir presentes nas instituições escolares. Sendo assim, o pensamento pedagógico não pode se furtar da reflexão sobre a questão da cultura e dos elementos culturais das diferentes escolhas educativas, segundo Forquin (1993, p. 14), que:

“... a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma tradição docente que a cultura se transmite e se perpetua”.

A função da escola, segundo Rodrigues (1985), consistem em proporcionar a produção e transmissão do saber. E sua responsabilidade é formar o indivíduo para o exercício da cidadania. Porém ressalta Rodrigues (1985, p. 74): “...o exercício da cidadania compreende a formação do homem social, participativo, responsável, político e produtivo”.

Nesta perspectiva, a escola não irá formar o homem somente para o trabalho, mas sim o homem capaz de transformar seu mundo através do trabalho. Isto se torna possível na medida em que ele rompe com a natureza e consegue supera-la, isto é, transformá-la. O professor ao formar estes alunos também estará se formando e esta formação será melhor ainda se paralelamente a ela, lhe forem assegurados cursos de qualificação contínua

para que ele possa se atualizar e se reciclar adquirindo conhecimentos da sua real atuação.

Outra grande tarefa dos professores é mobilizar os alunos para o conhecimento, estimular as interações e a participação, promovendo valores como respeito e cooperação por meio do empenho coletivo, o que requer a adesão de todos os envolvidos com a prática pedagógica. Constata-se assim, que relativamente os professores têm de certa forma autonomia para decidirem por si qual o melhor encaminhamento que devem tomar no decorrer do processo educativo desde que tenham claro qual a sua concepção do homem, de educação, de sociedade e o tipo de aluno que se deseja formar.

Desta forma, Saviani (1990) lembra que a educação deve ser compreendida como um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social global. Ela é um fenômeno próprio dos seres humanos, sendo ao mesmo tempo uma exigência do processo de trabalho. Assim, a atividade educativa é intencional.

Vale enfatizar que, o que diferencia a educação das outras atividades que trabalham com idéias e o modo como a educação aborda essas idéias, ou seja, a maneira de lidar com o conhecimento, pois para a educação o conhecimento é o meio e não o fim. Segundo Saviani (1990, p. 21):

“... o objeto da educação diz respeito, de um lado, identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, a descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo”.

Entretanto, a escola realiza um trabalho educativo que consiste no ato de produzir, direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Deste modo, subentende-se que os professores, ao discutirem a problemática da violência com seus alunos numa perspectiva dialógica, devem unir esforços para

que os mesmos repensem o porque dos seus atos e para que a escola repense a sua função no sentido de procurar assegurar a construção de conhecimentos significativos pelo aluno, pois ao se almejar uma sociedade mais democrática, justa e igualitária, é preciso repensar a prática pedagógica e começar por refletir acerca das contradições sociais existentes na sociedade a fim de encontrar formas de superá-las.

Entretanto, o enfrentamento da violência nas escolas que expõe crianças e adolescentes, pelo Estado, pela família e pela sociedade, requer assumir o engodo da cultura moralista excludente que fortalece as relações de violência social e estrutural como fatores fundamentais da expansão da violência interpessoal, da falência ótica, civilizatório e do difícil caminho para assegurar a defesa dos direitos das crianças e adolescentes expostos a situações de violência no Brasil e no mundo.

A complexidade da incidência do fenômeno de violência nas escolas implica na necessidade de construir e desenvolver um projeto político-pedagógico para direcionar, orientar e organizar as ações de unidades de ensino de modo que estas sejam mais coerentes e conseqüentes e as instituições mais eficazes na consecução dos seus propósitos. É um desafio inadiável que deve ser assumido por todos os funcionários que atuam na escola em conjunto com a comunidade. Sem um projeto pedagógico corre-se o risco de agir de modo improvisado, desarticulado, reducionista, descontextualizado, fragmentado e simplista.

A importância do projeto político-pedagógico deve-se ao compromisso com a formação humana. No decorrer do processo de ensino e aprendizado há muitas responsabilidades a serem assumidas e que demandam articulação, sistematização e organização. Nenhum trabalho pode estar isolado; é imprescindível que todas as ações estejam articuladas num esforço de melhoria contínua.

Para tanto, é necessário que os objetivos, as metas e estratégias sejam planejadas em conjunto com a comunidade escolar, pois só assim será

possível conquistar a melhoria efetiva do ensino, da aprendizagem, da construção do conhecimento e o combate e prevenção da violência nas escolas.

1.4 Objetivo da Intervenção da agressividade

Analisar a relação existente entre agressividade do educando e as práticas escolares constitui a proposta básica das estratégias de intervenção no meio educacional. Muitas vezes os comportamentos dos educandos são vistos como algo que atrapalha o rendimento escolar e o desenvolvimento do indivíduo. O comportamento indica o estudo dos problemas interiores, informa sobre como o indivíduo percebe o mundo e atua no interior deste.

Quando um aluno por algum motivo chega a agredir o professor, tem-se neste ato a manifestação de um ato agressivo que pode está relacionado a um conjunto de fatores sociais e emocionais.

É impossível avaliar com precisão o sucesso de qualquer abordagem específica para lidar com crianças agressivas. Elas são agressivas porque são emocionalmente frágeis e reagem mediante sensibilidade ao contexto que estão inseridas.

Na opinião de Train (1997), em inúmeros casos é possível reduzir o excesso de agressividade levando em conta a compensação de impulsos agressivos por meio de canalização para outras atividades igualmente capazes de desprender a energia estressante que caracteriza o educando agressivo.

Na visão do autor citado anteriormente, no contexto escolar há um infinito número de elementos que favorece a agressividade entre os educandos, assim cita que um simples empurrão ou um atropelamento casual de corpos pode gerar brigas, caracterizando assim ações agressivas por parte dos indivíduos, estando estes em muitos casos ligados a questões de ordem

emocionais ou sociais advindos a partir de relações de conflitos gerados no seio familiar ou em grupos similares em que o educando é parte constitutiva.

As práticas pedagógicas propostas pelas escolas de ensino fundamental visam entre outros pontos permitir que o educando possa vir a superar possíveis conflitos, dando a criança e adolescente a capacidade de transcender frente a situações de agressividade e violência.

O professor na perspectiva de superar a agressividade no seio escolar deverá procurar na escola propiciar o desenvolvimento de sentimentos de estímulo para a prática de trabalhos em que venham a sentirem partes integrantes de um todo, onde haja a cooperação e participação integral dos envolvidos na busca de organização de atividades em que se lance na projeção de conquistas e superação de problemas.

Diante observação de problemas o professor deverá mobilizar os envolvidos numa proposta de tomarem conscientização sobre as possíveis causas e conseqüências que deram origens aos mesmos, pois diante desta tomada de consciência será possível chegar a prováveis soluções dos mesmos.

2 - A AGRESSIVIDADE E A RESILIÊNCIA

2.1 Agressividade Humana

Na atualidade o homem vive cada vez menos isolado, também é verdade que o homem cada vez conhece menos os outros que o rodeiam. No que respeita à agressividade, fator evidente no comportamento de grande parte dos indivíduos, existem diversas formas e tipos de agressividade, mas resumidamente, pode-se classificá-las em dois tipos; a agressividade verbal (intencional ou não) e a agressividade física.

Um ato reflexo na concepção de Gleitman (2000), é um ato inconsciente, e assim uma resposta agressiva e violenta, pode ser uma resposta instintiva, porém este tipo de resposta tem antecedentes em situações anteriores, que ficaram gravadas na memória do indivíduo. Porém estes aspectos também estão por sua vez ligados às emoções, e quando Damásio (2000) reflete que se pensar em termos de "emoções primárias" torna-se muito mais simples caracterizar as seis emoções primárias ou universais: alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa ou aversão, além do que torna ao mesmo tempo mais fácil a discussão e o questionar se a agressividade apresentada por alguns dos jovens, não será produto do meio onde viveram.

Ao fazer alusão ao Quociente Emocional (QE), Chabot (2000, p. 71), diz que: "... aqueles que possuem um QE elevado terão um sistema imunitário mais resistente, gozarão de mais saúde e de um maior bem estar". Neste aspecto um quociente emocional baixo pode ser demonstrativo de diversas situações, já que na realidade o aspecto emocional está de certa forma ligado à resiliência do sujeito.

A resiliência ao ser observada por diversos autores tal como é referido por Ralha-Simões (2000) que se trata de uma resistência inesperada a eventos potencialmente desfavoráveis que se manifesta contra o que seria previsível dadas as circunstâncias em que os indivíduos foram no passado ou estão no presente envolvidos, alguns tipos de agressividades patentes em certos jovens devem-se essencialmente ao já vivido, os quais lhe provocaram traumatismos afetivos graves, provocando ao mesmo tempo uma certa necessidade de auto-afirmação, através de condutas agressivas, devido à sua situação abandonica a que foram votados.

Quando um jovem ao exigir um objeto pessoal a outro e recebe como resposta um não, é porque sente que o objeto é seu e não tem nada que o mostrar ou dar, porém se o primeiro ao receber a resposta negativa comete uma agressão, devido a ter recebido uma resposta negativa, então é porque a sua capacidade de resistência à frustração é baixa, podendo-se obviamente pensar que a sua resiliência será baixa, já que não consegue adaptar-se à situação negativa que lhe é posta perante uma resposta negativa.

Porém, não se pode de forma alguma pensar, que todas as crianças institucionalizadas apresentam este tipo de fatores agressivos, pois que muitos jovens institucionalizados apresentam um comportamento dentro dos parâmetros sociais adequados. Porém quando a criança chega à institucionalização é muitas vezes tarde para se realizar um trabalho efetivo de readaptação social. Tanto assim que o aparecimento de instituições de portas fechadas em que os jovens se encontram em regime quase "prisional", deve-se sem dúvida alguma às situações vivenciadas pelo jovem e ao ambiente social onde está inserido.

De fato diversas histórias correm nos meios de comunicação social, em que apesar do jovem apresentar desvios de comportamento, torna-se ao fim e ao cabo num "pequeno herói", pois que conseguiu realizar determinado tipo de "proezas".

O que se passa com os jovens com tendências anti-sociais tem sido estudado por diversos autores, além do que existem já diversos questionários psicológicos para se poder avaliar as tendências anti-sociais e de delinquência, porém fica muito por aclarar, pois que algumas das perguntas que são feitas, são nos dias de hoje ridículas senão mesmo impróprias para se poder definir se o comportamento é desajustado ou não, e se é um comportamento delinquente ou não.

Cubero (1998) apresenta como conduta delinquente o "indivíduo bater às campainhas das portas e fugir", ora por experiência pessoal e durante muitos anos, e em duas cidades distintas e sem relação em si, um carteiro, tinha por hábito tocar para todos os andares mesmo que não tivesse correio para o prédio. Pode-se questionar se os "carteiros" terão um comportamento pré-delinquente ou mesmo delinquente. Claro está que não, mas o que é certo é que a situação era irritante para todos os moradores desses prédios.

Porém o jovem adolescente ao transportar consigo uma navalha ou um canivete, já é algo um pouco diferente, pois que ao transportar esse objeto, na realidade trata-se de carregar consigo um objeto contundente, e portanto numa situação agressiva e instintiva, poderá usar esse objeto contra terceiros. Mas que significado tem o uso e o porte de uma arma branca, navalha de ponta e mola, objeto proibido, apesar de ser proibido por lei, vende-se em todas as lojas de desporto de caça e pesca.

Não há jovem que se preze com quinze ou dezesseis anos, oriundo de bairros de pescadores que não use um objeto desses. Será que ele tem tenções de agredir alguém? Ou será que devido ao ambiente social em que vive, a navalha é um objeto que serve para tudo e mais alguma coisa. Não há muito tempo, uma série da televisão, MacGuiver, apresentava o canivete suíço, como o objeto necessário e imprescindível. Sem ele era impossível o herói sobreviver, pois que dava uso a esse objeto das mais diversas formas, desde chave de parafusos, até corta fios, o herói televisivo usava-o para conseguir dominar todas as situações possíveis e imaginárias.

Será que este herói televisivo pode ser considerado como delinqüente, acredita-se que não. Aliás, este herói apresentava uma resiliência a toda a prova, pois que adaptava o seu comportamento a todas as situações, tentando dessa forma superar as provas que lhe eram postas à sua frente, na sua atividade. Na realidade a sua flexibilidade de comportamento demonstrava a sua capacidade de resiliência a situações novas, demonstrando dessa forma que o seu comportamento não era rígido, mas sim que se adaptava segundo as circunstâncias.

Outros fatores podem ser observados, e escamoteados pela resiliência do sujeito, levando a que médicos e técnicos sejam completamente enganados pela sintomatologia apresentada, pois que os dados por vezes são esquecidos ou negligenciados pelo próprio sujeito.

A resiliência ao ser observada como a capacidade de resposta do ser humano às mais diversas situações que lhe são postas pela frente, apresentam por vezes um risco para a própria saúde física e mental. Estar se falando de acidentes traumáticos, tal como é referenciado por Kaplan (1997) que acidentes envolvendo as áreas temporais e temporo-parietais, a que a maior parte dos sujeitos dá pouca importância, podem apresentar meses mais tarde alterações de personalidade e de concentração e de humor, apresentando ainda condutas agressivas.

De fato Forquin (1993) referenciava situações anteriormente citadas de traumatismos cranianos sem fratura óssea, que mais tarde dão sinais, devido aquilo que é considerado por diversos autores da neuropsicologia, como Hécaen, Luria e outros como seqüelas pós-traumáticas. Estas situações implicam por vezes alterações do domínio neuro-epiléptico, e só diagnósticos muito finos, conseguem na realidade vislumbrar algo do que é que se passa no cérebro do jovem.

Porém a resiliência do indivíduo joga aqui um papel importante, porque dada as suas capacidades de adaptação às situações que lhe são adversas e lhe são colocadas à sua frente, tem a capacidade de resistência de substituir e

de as conseguir ultrapassar. As suas capacidades cognitivas não se apresentam de forma alguma diminuídas, porém algumas funções como a atenção, a concentração, a psicomotricidade fina, e as constâncias de comportamento podem apresentar alterações significativas, sem que o sujeito o note estas mesmas alterações, sendo somente observadas pelas pessoas que o rodeiam.

2.2 A adolescência tardia e a resiliência

A definição de resiliência é proposta por Gleitman (2000) como um processo de persistência face à adversidade. Pode-se observar evidências da resiliência em pequenos detalhes da vida das pessoas, bem como da forma como elas tentam lidar com esses problemas de uma forma construtiva, de forma a transformar os obstáculos no seu caminho em seu benefício.

Na realidade a resiliência do ponto de vista psicanalítico tem que ver segundo Gleitman (2000 p. 42): "...as várias formas de resistência, normalmente inconscientes pelas quais o paciente tentava desviar a corrente do pensamento – mudando de assunto, esquecendo do que estava para dizer, entre outros". É assim que Freud, conforme acentua o autor, terá iniciado a associação livre de forma a poder analisar que tipos de lapsos de linguagem, ou outras ações demonstravam que algo se estava a passar com o sujeito no seu inconsciente. Vale ressaltar que Gleitman (2000, p. 42):

"Há já algum tempo se tem vindo a observar certos fenômenos desestabilizadores das famílias, muitos destes fenômenos vêm por em causa a própria estrutura familiar. Na verdade, legalmente o jovem aos dezoito anos torna-se adulto, dado que o Estado lhe dá a capacidade de votar, porém a nível financeiro e econômico continua na dependência dos pais até terminar os seus estudos".

A nível psicológico torna-se uma situação perturbadora para o adolescente, porque se por um lado é cidadão maior e pode segundo a lei fazer

o que quiser, por outro lado, encontra-se na dependência econômica dos pais. Trata-se assim de equilíbrio de certa forma muito instável, pois que começa a aparecer nos jovens situação preocupante de abandono dos estudos, devido à influência de colegas, que ao olharem para aquele aluno que lhes poderá fazer sombra, devido às classificações que tira, é visivelmente mais frágil, mais sensível e por vezes devido a situações muito diversas apresenta uma resiliência fragilizada, não conseguindo suportar a pressão que os outros exercem sobre ele. Estes alunos até podem ter uma resiliência adequada, porém esta pode apresentar-se fragilizada.

Um dos fatores mais observados nos jovens é a perda da moral, ou melhor das regras de conduta sociais que até aí eram adaptadas à realidade. Neste sentido, a resiliência está ligada ao próprio controle emocional do sujeito, e esta por sua vez à zona pré-frontal.

Um dos fatores que se nota em nível das perturbações de personalidade só aparecem passados seis meses, e por vezes mais ou menos tempo, dependendo de muitos fatores. Claro que a resistência à própria mudança, e o sentir que determinadas funções cognitivas começam a falhar, leva a que muitos jovens sejam influenciados por outros, no sentido de tomar substâncias que a curto, a médio ou a longo prazo, vão provocar situações anormais de comportamento, levando-os a tomarem decisões completamente erradas, e olharem para os pais como se fossem os inimigos número um a abater.

Efetivamente trata-se de um fenômeno que tem a ver com a própria resiliência alterada, ou seja, o sujeito deixou de ter tanta resistência às influências exteriores, indo atrás de tudo o que lhe é dito. Por outro lado, o medo de assumir que estão doentes e que precisam de tratamento, levam-no muito vezes à mentira psicopatológica, tentando dessa forma fugir às suas responsabilidades. Isto não significa que o jovem não seja capaz de sobreviver, porém e na maior parte das situações é induzido a confabular situações não reais, para se autoconvencer que está o melhor possível.

Na verdade a maioria das lesões que se podem observar em situações traumáticas, não são tão graves como o caso que é apresentada por Damásio (1995), o qual ele descreve a falta de discernimento de Elliot, o os seus hábitos de colecionismo, devido a um meningioma nas áreas inferiores do sistema pré-frontal. Na realidade as áreas pré-frontais apresentam inúmeros funções, que vão desde a regulação moral, até à de programação de ação envolvendo ainda as funções de raciocínio lógico.

Claro está que como é lógico observar, a resistência às situações novas que são colocadas diariamente a Elliot estavam alteradas. Dada a sua falta de discernimento e de observar o que poderia vir a acontecer a sua consciência das ações, começou a demonstrar-se de certa forma alterada, não conseguindo discernir o que era viável e o que não era.

Porém, não são só os efeitos de lesões traumáticas que nos dia de hoje provocam alterações significativas de personalidade, pois que os jovens, são todos e quase que obrigatoriamente a passarem rituais extravagantes, como se a juventude fosse sinônimo de ações fantásticas. Poderia-se olhar para esses rituais, de um ponto de vista antropológico, seria estas ações rebeldes e fantásticas a passagem da fase da adolescência à idade adulta.

A existência de um número crescente de casos de jovens com cerca de 22-25 anos que abandonam os seus estudos, e partem porta fora com uma mochila de roupa ou sem ela, mas com o telemóvel no bolso, à procura de algo que lhes foi transmitido por colegas e meios de comunicação social, leva-os a concluir que na realidade as suas resistências às alterações do seu meio envolvente estão totalmente desvirtuadas.

Mas os jovens têm receio dos pais, já que por vezes são levados pelos seus colegas a cometer erros, que acham que os pais nunca lhes perdoariam. É aqui exatamente que os jovens, na sua grande maioria erram. Os pais, ao parecer que lhes pregam grandes discursos de "moral", não estão mais do que a tentar-lhes dar-lhes alguns mecanismos de defesa perante os outros jovens e

adultos, que por vezes até são mais vividos. Porém a independência não se constrói de um dia para o outro, conquista-se, levando por vezes muito tempo.

Claro que não se pode esquecer, que o jovem estudante vive num mundo complicado, em que a sua resiliência é posta à prova diariamente, e que se as suas resistências se encontram mais fracas, caí sem que nenhum dos colegas lhe deite a mão ou avise a família, que algo de errado se está a passar. Além disso, quando o jovem começa a ter necessidade de um financiamento maior para poder frequentar bares e fazer o mesmo que fazem os outros, e poder fazer uma vida que os pais não podem suportar financeiramente, entra numa crise pois que as contradições sucedem-se, umas a seguir às outras.

Poucas pessoas estão nos dias de hoje dispostas em ajudar terceiros, sem nada em troca. Nos dias que vão correndo, o que é dado hoje é pago amanhã, e como é lógico e se da primeira vez foi dado (droga), a segunda já tem de ser paga. Na realidade é o que se passa com o haxixe, em que a primeira dose é gratuita, e o novo consumidor ao sentir-se num estado de euforia, vai procurar no dia seguinte novamente o produto, e assim sucessivamente, porque as suas resistências a essas situações estão baixas.

Exemplos de uma fraca resistência à tentação, é algo que é descrito por diversos exemplos de ex-toxicodependentes, que perante o estímulo de poder consumir o produto tão desejado, não conseguem resistir apesar de estarem mais de um ano sem tocarem na heroína. A nível da química cerebral a heroína vai substituir radicalmente a formação das endorfinas produzidas pela hipófise, tornando-se esta "mandriona", pois que ao detectar uma molécula semelhante aquela que ela produz, esta deixa de produzir as endorfinas que não são mais do que o analgésico natural produzido pela hipófise.

A hipófise só por si não começa a produzir endorfinas quando o toxicodependente de heroína deixa de a tomar, pois que a libertação pela hipófise destas moléculas é lenta, deixando o sujeito sempre na expectativa de encontrar algo que substitua o tão almejado produto.

Porém, exatamente como nos doentes terminais de cancro, em que os médicos administram morfina para eliminar as dores, sendo uma situação um pouco diferente, já que é feito sobre estrito controle médico, o que é certo é que o doente vai necessitar de doses cada vez maiores de morfina, para lhe aliviar as dores, existindo sempre o risco de a dose ser a dose fatal para o doente. Só que nesta situação, o doente está em estado crítico e na realidade é necessário mitigar-lhe as dores de qualquer forma, pois que se encontra num estado de sofrimento tal, que este tem que ser de qualquer forma reduzido.

2.3 A adolescência, a família e resiliência

Esta subdivisão deste trabalho não se deveria chamar "A adolescência e a família", mas sim "A adolescência tardia e a família". Neste item propõe-se entrar em contradição com alguns autores famosos no campo da "Terapia Familiar" e da "Psicoterapia Familiar", como Daniel Sampaio, Tomkiewicz, Aires Gameiro, Watslawick e tantos outros, que foram apregoando que muitos adolescentes que se iniciavam na toxicodpendia eram produto de um meio familiar "desequilibrado".

A verdade começa a aparecer nos dias atuais bem cruéis e um pouco diferente das idéias que se tiveram durante anos. O produto social e econômico a que toda a civilização ocidental remete, é um transformacionismo da vida familiar. A família alargada deixou de existir na realidade, pois que os membros da família vivem separados por distâncias de 300 ou 400 quilômetros, o que leva a que pouco se vejam e se contatem unicamente por telefone.

Para, além disso, o deslocamento das famílias nucleares para outras zonas onde existe trabalho, leva sem dúvida alguma à separação das famílias. Os amigos mais próximos por vezes também se encontram longe, e poucas vezes contata-se com eles.

O indivíduo vive cada vez mais isolado, porém e ao mesmo tempo mais dependente dos outros que o rodeiam, que não lhe são nada, mas que por vezes em determinadas situações podem ajudá-lo a superar determinadas crises. De fato, ao olhar para o termo de resiliência pode-se também pensar na resiliência das famílias, estas também apresentam resistências às mudanças, além do que as alterações de certos valores tradicionais, vem por em causa a família e a sua capacidade de adaptação às novas situações com que são confrontadas. É oportuno ressaltar que, Tomkiewicz, apud Azevedo, 1984, pp. 80,81):

“...teremos de ir mais longe e constatar que apesar de todas as precauções que se possam tomar a esse nível, a influência da origem social persiste para além da terapêutica. É um fato atestado pela nossa experiência que jovens delinquentes com processos bastante idênticos no plano da delinquência e dos problemas psicológicos, tendo sido vítimas dum meio familiar dissociado ou ausente, sofrem uma recuperação social que varia, segundo a respectiva origem social. Isto é, sobretudo flagrante quando à escolaridade. O que saiu dum meio culto poderá aceder ao ensino superior e a uma situação social invejável; os outros, seja qual for o seu nível intelectual, o seu valor humano e a sua recuperação psicológica, nunca lá chegaria”.

Constata-se assim que o jovem tem na verdade mais hipóteses de sobrevivência se tiverem saído de um meio favorecido do que de um meio desfavorecido. Se por um lado, o meio favorecido transmitiu normas de conduta mais rígidas, estas apesar das diversas alterações psicológicas existentes que o jovem adulto possa demonstrar irão sobressair no seu controle comportamental, apesar de todas as influências externas que possam ser internalizadas.

O que se observa é na realidade que os jovens oriundos de meios desfavorecidos, dificilmente conseguem sobreviver na sociedade sem cair na delinquência, enquanto que os oriundos de meios culturalmente mais favorecidos, apesar de se apresentarem fragilizados, conseguem de alguma forma integrar-se socialmente, mesmo que não seja o seu ambiente, e de certa

forma ir sobrevivendo mesmo que com dificuldades, e apesar de a nível psicológico ou psicopatológico apresentar psicopatologias diversas, motivadas por induções por terceiros ou mesmo por certos produtos químicos.

Os jovens delinqüentes porém apresentam características bem diversas, pois que a sua rigidez comportamental não permite nenhuma flexibilidade perante as situações que lhes são postas à sua frente. Nesta situação, a sua resiliência é baixa às frustrações que lhes são colocadas no seu dia a dia. Retomando-se algo que já fora referido, o jovem institucionalizado apresenta um comportamento rígido, muitas vezes levado a esse mesmo comportamento devido aquilo por que passou na sua jovem vida. De fato a sua resiliência encontra-se extremamente debilitada.

No tocante a resiliência, pode-se dizer que, vária tentativa tem sido feitas para encontrar soluções para os jovens "anti-sociais", com comportamentos destrutivos, que se não forem controlados na altura e no momento certo, adotam por força das circunstâncias esses comportamentos nos seus hábitos quotidianos.

Como se pode observar a resiliência encontra-se patente em todos os aspectos psicológicos do desenvolvimento. O ser resiliente não significa, porém que seja um ser que consiga resistir a todas as pressões do meio, nem a todas as solicitações que este faz.

2.4 O Papel da Família e da Escola na Agressividade Infantil

A agressividade das crianças e dos adolescentes é um tema que preocupa pais, educadores e a sociedade em geral. Casos como o ocorrido ano atrás em Brasília, em que um grupo de adolescentes colocou fogo em um índio que estava dormindo em um ponto de ônibus, chocam as pessoas e suscitam perguntas sobre por que isso ocorre.

Para entender a agressividade, é necessário olhar um pouco para o desenvolvimento da criança e como ela aprende a se comportar agressivamente. Por volta dos três ou quatro anos, é bastante comum a criança apresentar condutas agressivas em relação aos adultos e às outras crianças, como morder, bater, dar chutes, entre outros. Qualquer mãe ou professora de crianças dessa faixa etária sabe muito bem disso. Nessa fase, diz-se que a agressividade é essencialmente manipulativa, isto é, a criança agride os outros para alcançar determinados fins, como, por exemplo, ganhar um brinquedo ou defender-se (é comum a criança dar tapas nos pais quando eles lhe chamam a atenção). Essa conduta é a forma que a criança encontra de controlar o ambiente, ou seja, é a forma mais eficaz de satisfazer suas necessidades. Conforme Ajuriaguerra, 1977, p. 34):

“Evidentemente, a agressividade não desaparece por completo com o passar do tempo. O que ocorre é que a criança aprende com os adultos que há outras formas de se defender e obter aquilo que deseja. Quando os pais ou professores ensinam que não é necessário tirar dos colegas os brinquedos, mas que é possível pedir para brincar com eles ou chegar a um acordo sobre como dividi-los, eles estão ensinando à criança estratégias sociais que podem substituir condutas agressivas. Se esse tipo de estratégia se mostrar eficaz, gradualmente a criança aprende a negociar e, se o ambiente dela (escola, família, grupo social) valorizar essa atitude, aos poucos, a conduta agressiva passa a ser menos freqüente que outras formas de controlar o ambiente. É por isso que as brigas e as disputas violentas são menos freqüentes com o passar do tempo e só acontecem em situações extremas, como, por exemplo, em caso de ofensas muito graves”.

Desta forma, pode-se dizer que, a agressividade não é algo próprio da "natureza" das crianças. É um tipo de comportamento que tem uma função no desenvolvimento delas e, assim como é aprendido (se a criança bate no colega é porque teve oportunidade de observar esse comportamento em outras pessoas), também pode ser substituído por outras condutas.



Às vezes, porém, as condutas agressivas tornam-se um padrão freqüente de comportamento e persistem com o tempo, podendo se transformar em um problema mais sério na adolescência e na vida adulta. A agressividade torna-se a forma preferencial da criança ou do adolescente para resolver qualquer dificuldade. Várias pesquisas mostram que o desenvolvimento desse padrão de comportamento começa na infância e tem relação, principalmente, com as interações familiares e com o ambiente social.

Conforme Ajuriaguerra (1977), há uma série de condutas dos pais que podem ser chamadas de "condutas de risco" para o desenvolvimento de padrões agressivos de comportamento nos filhos. Uma dessas condutas é rejeitar a criança, mostrando claramente que ela não é amada ou que ninguém se importa pelo que possa lhe acontecer.

Outra conduta de risco é a inconsistência na forma de colocar limites: por vezes, os pais são permissivos demais, deixando que a criança faça tudo o que deseja, e, em outras ocasiões, são autoritários, punitivos e inflexíveis em excesso. Esse tipo de educação deixa a criança confusa sobre o que pode e o que não pode fazer e acaba tornando-se difícil para ela distinguir o certo do errado, o aceitável do inaceitável. Também não é raro encontrar pais que estimulam a conduta agressiva dos filhos, principalmente dos meninos, para a resolução de conflitos.

A violência doméstica também é um fator que pode exercer uma influência decisiva no comportamento. Crianças que assistem a cenas de violência em casa, ou que são vítimas da violência dos pais, podem aprender que essa é uma forma aceitável, "normal", de lidar com a raiva e com a frustração.

Também a escola, se não é responsável por desenvolver o comportamento agressivo dos alunos, pode contribuir para um aumento considerável desse padrão. Professores excessivamente autoritários podem desencadear sentimentos de hostilidade em seus alunos. Se eles tiverem

dificuldade em lidar com esse tipo de sentimento, é alta a probabilidade de que venham a reagir agressivamente em relação à escola ou ao próprio professor.

Um ambiente escolar que estimule a rivalidade e a competição pode gerar nas crianças e adolescentes sentimentos de insegurança, ansiedade e dificuldades de integração com o grupo. Em consequência disso, condutas agressivas podem se tornar a única forma de resolver conflitos.

Outra circunstância em que a escola pode vir a ser um ambiente propício para o desenvolvimento da agressividade é quando ela não consegue lidar com a criança agressiva. Uma criança assim provoca a hostilidade e a rejeição dos colegas e isso pode gerar nela uma atitude defensiva e fazer com que tente se impor aos outros pela violência, de forma a atingir aqueles que a rejeitam. Uma atitude dessas mostra claramente a falta de recursos socialmente aceitos que essa criança tem para lidar com a frustração.

O tema agressividade é muito complexo e envolve tantas variáveis que seria impossível em um artigo abordar o assunto de forma completa. É necessário, porém, que pais e educadores entendam que o comportamento agressivo da criança e do adolescente não surge do nada. Ele é construído na interação com o ambiente.

3 – AGRESSIVIDADE NA CRIANÇA E NA ADOLESCÊNCIA

3.1 Agressividade na Fase Infantil

A legislação brasileira considera como criança à pessoa com idade entre zero e doze anos, e passíveis apenas da aplicação de medidas protetoras quando cometem infração (delinqüência) ou se encontram em situação de risco, de acordo com o art. 101 da Lei n. 8069/90, que é o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A adolescência, por sua vez, se considera para pessoas entre os doze e os dezoito anos, encontrando-se as mesmas sujeitas à aplicação das mesmas medidas protetoras e à aplicação de medidas sócio-educativas (art. 112 do mesmo Estatuto da Criança e do Adolescente). Concomitantemente, a legislação imputa aos pais as medidas previstas no art. 129 do Estatuto da Criança e do Adolescente, em caráter administrativo, possibilitando ainda a aplicação de multa por infração ao art. 249 da mesma lei.

Tais medidas citadas decorrem da filosofia de proteção integral ao menor. A pergunta que emocionalmente e moralmente se faz é a seguinte: menor de que ou de quem? Menor de altura, de idade, de maturidade, menor que a vítima, menor que a vontade política, que a capacidade da justiça, enfim, menor do que? Pretensamente as medidas de proteção ao menor almejam um caráter eminentemente desenvolvimentista e formador da cidadania, enquanto as medidas sócio-educativas, pretendem-se com caráter punitivo ou *recuperadoras, bem como administrativo/punitivo.*

A agressividade é sempre um tema da atualidade, especialmente a agressividade juvenil, atualmente relacionada às ações das gangues, dos

franco-atiradores de escolas, dos queimadores de mendigos, dos homicidas de grupos étnicos, ou simplesmente dos agressivos intrafamiliares.

Não se pode acreditar que a violência infanto-juvenil restringe-se aos internos da FEBEM ou às classes menos favorecidas da sociedade, conforme bem alerta Ceccarelli (2001), existe uma população de delinqüentes em outras classes sociais mais protegidas, seja pelos muros dos condomínios de luxo, seja por estatutos sociais não-escritos que zelam dos "bons hábitos familiares", enfim, existe uma população de delinqüentes que raramente é punida e cujos atos nunca chega aos nossos ouvidos.

Os adolescentes e jovens que se destacam pela hostilidade exagerada, podem ter um histórico de condutas agressivas que remonta a idades muito mais precoces, como no período pré-escolar, por exemplo, quando os avós, pais e "amigos" achavam que era apenas um excesso de energia ou uma travessura própria da infância. Conforme Ceccarelli (2001, p. 25): "A conduta agressiva entre os pré-escolares e escolares é influenciada por fatores individuais, familiares e ambientais. Entre os fatores individuais encontramos a questão do temperamento, do sexo, da condição biológica e da condição cognitiva".

A família influi através do vínculo, do contexto interacional (das interações entre seus membros), da eventual psicopatologia e/ou desajuste dos pais e do modelo educacional doméstico. A televisão, os videogames, a escola e a situação sócio-econômica podem ser os elementos ambientais relacionados à conduta agressiva. Embora esses três fatores (individuais, familiares e ambientais) sejam inegavelmente influentes, eles não atingem todas as pessoas por igual e nem submete todos à mesma situação de risco.

O que se sabe, estatisticamente, é que a agressividade manifestada em idade pré-escolar, infelizmente evolui de forma negativa. Por isso se torna necessário o desenvolvimento de estudos que venham esclarecer os limites entre as travessuras da infância dos transtornos de conduta, o tão propalado excesso de energia do transtorno hiper-cinético, a responsabilidade tão meritosa,

comum na criança "tipo adulto", da depressão infantil. É preciso estudar e esclarecer os limites entre a personalidade forte da criança, relatada pelo pai com certa ponta de orgulho, das condutas completamente desadaptadas da infância e com enorme possibilidade de evoluir para um quadro mais grave.

A agressividade, por si só, não pode ser considerada um transtorno psiquiátrico específico, ela é, antes disso, sintoma que reflete uma conduta desadaptada. Como sintoma ela pode fazer parte de certos transtornos. Podemos dizer até, que a conduta agressiva costuma ser normal em certos períodos do desenvolvimento infantil, está vinculada ao crescimento e cumpre uma função adaptativa. Essa agressividade normal e fisiológica também é chamada de agressividade manipuladora. Assim ressalta, Ceccarelli (2001, p. 34) que:

“Para definir a criança agressiva, ou melhor, para conceituarmos a criança agressiva, temos que compreender o conceito de Reação Vivencial. Dentro desse conceito, criança agressiva seria aquela que apresenta reações vivenciais hostis, recorrentes e desproporcionais aos estímulos, para a resolução de conflitos ou consecução de objetivos. Esse conceito de Reação Vivencial (não normal) ressalta o aspecto da frequência excessiva, da desproporção e da dificuldade adaptativa”.

Conforme Storr (1999), quando a conduta agressiva está combinada com outras alterações de condutas desadaptadas, como por exemplo, com a hiperatividade infantil, ela apresenta um quadro mais grave, com mais problemas de interação e pior prognóstico. As crianças agressivas e hiperativas são mais problemáticas que as crianças só agressivas ou só hiperativas, e mais problemáticas que as crianças do grupo controle.

Na opinião do autor anteriormente citado, outra observação relevante é sobre a agressividade associada a alguns traços básicos da personalidade. As crianças agressivas e simultaneamente retraídas, por exemplo, têm pior adaptação que as crianças só agressivas ou só retraídas. Dessa forma, se

inclina a pensar que a combinação de várias condutas desadaptadas aumentaria a vulnerabilidade para problemas mais sérios de agressividade.

3.2 Agressividade na Adolescência

Sobre a violência da adolescência é oportuno salientar que, Cicarelli (2001, p. 38) tem uma visão psicodinâmica:

“...a entrada da criança no mundo, sua assujeitação à civilização - a introdução em um espaço onde outros lhe falam, interpelam-na, fazem-lhe demandas, ofendem-na, entre outros pontos só é possível pela renúncia do gozo narcísico e pela aceitação das satisfações substitutivas que a civilização oferece. Entretanto, vale lembrar, tanto os sacrifícios impostos pela civilização para que a vida em comum seja possível, quanto as satisfações substitutivas ao narcisismo, nunca são plenamente aceitáveis no inconsciente dos homens, pois a própria civilização é, em seu cerne, marcada por aquilo que afeta o sujeito do desejo: o recalque. Dito de outra forma: o processo civilizatório, ou se preferirmos o outro, é aquilo que transforma o gozo em desejo. Por outro lado, cabe também ao processo civilizatório garantir ao sujeito o acesso e a continuidade, por mínimas que sejam, às satisfações substitutivas sem o quê ocorreria um recrudescimento da frustração causada pela renúncia narcísica”.

Segundo o autor citado, a inexistência de satisfações substitutivas às moções pulsionais recalçadas, assim como falta de limites ou o excesso de satisfação, pode gerar violência ou atos de delinquência. A frustração oriunda de tendências pulsionais recalçadas faz com que o psiquismo procure outras formas de descarga de energia como é o caso de alguns comportamentos anti-sociais. Ao mesmo tempo, e aqui se constitui o paradoxo de ser humano, revoltar-se contra a civilização, contra o outro (contra a cultura, o mundo, as leis), percebê-la como uma instância hostil é revoltar-se contra aquilo que constitui o próprio homem, o que aumenta ainda mais a frustração e a angústia.

Da mesma forma que conflitos familiares podem afetar, ou mesmo entravar, a resolução do complexo de Édipo impedindo que o sujeito se situe no simbólico, uma patologia do social, gerada por uma organização político-social perversa que não garante a continuidade do processo civilizatório, pode gerar comportamentos marginais.

Mas a patologia social pode igualmente propiciar a falta de limite, ou um excesso de satisfação. Na atualidade o ser humano vem passando por um momento histórico onde se incentiva que o sujeito "chegue lá" a qualquer custo. Na ilusão de um narcisismo ilimitado, as sanções sociais e atos de autoridade que, mais cedo ou mais tarde, são impostos terão um elevado ônus psíquico, sendo vivenciados como atentados ao narcisismo. Esta violência mortífera se traduz pela negação da diferença: ver no adolescente apenas uma imagem idealizada de si mesmo é não reconhecê-lo como outro; é pedir a este filho que seja aquilo que eles - os pais - não foram; é pedir-lhe que realize esperanças e elabore lutos sempre presentes em seus núcleos narcíseos.

No contexto geral da temática agressividade pode-se dizer que se gera o expressivo número de casos de violência, fator este que tem ocasionado o aumento do índice de violência no contexto escolar, questão que provoca por parte dos professores e pais um aumento de preocupação.

3.3 A violência como fator da agressividade

Que "a juventude está perdida e não tem emenda". Esta frase diz respeito a um discurso velho, sempre presente naqueles que já perderam a memória da sua própria juventude. Não se pretende aqui partilhar com o mesmo, mas sim refletir sobre um tema proposto: a violência na escola.

A violência é um tema do cotidiano. A escola que, felizmente, não vive retirada desse cotidiano nem isolada do mundo, não escapa a esse clima de violência. Para uns, ela é o espelho dessa violência, para outros é, ela

mesma, geradora de violência. Alunos, professores, pais e encarregados de educação, aqueles que formam a comunidade educativa, são sujeitos e objetos dessa violência.

A violência sempre esteve presente na história da humanidade. Entretanto, atualmente os atos de violência revestem-se de novas formas e ela atinge de uma maneira ou de outra todas as pessoas, independente de classe social, raça, gênero religião ou cultura. Este aspecto é ressaltado por Odália (1983) quando assinala que ironicamente pode-se dizer que há uma democracia na violência, pois ela atinge todas as pessoas sem distinção. Assim, o conceito de violência é abordado por meio de diferentes perspectivas por diversos autores. Destarte, a categoria violência. Ressalta Britto (1994, p. 150):

“...encerra leituras diferenciadas que incorporam práticas inteiramente diversas, segundo o grupo ou classe social que as vivencia. (...) na o existe uma violência, mas violências que devem ser entendidas em seus contextos e situações particulares”.

Dentre os fatores que caracterizam a violência esta o uso da força e a violação de um direito, assim salienta Sorge (1993, p. 9):

“...o uso da força física, moral e psicológica com a finalidade de privar um ser humano do seu legítimo direito de vida, saúde e liberdade Neste ultimo caso, quando o homem é impedido de ter uma opção livre, quando é obrigado a fazer o que é contrário a sua vontade, idéias e interesses, configura um ato de violência”.

A violência está disseminada em todas as instancias da sociedade, na favela, na família pela ação coercitiva dos pais, no Estado pelo regime autoritário, na sociedade pelas leis, na igreja pelos limites que impõe. As principais ocorrências que caracterizam a realidade escolar são: casos graves de homicídios, formação de gangues, consumo explícito de drogas, arrombamentos seguidos de roubo com envolvimento de alunos, quando são levados computadores, aparelhos de som, televisores, videocassetes. Antenas

parabólicas merenda escolar e outros objetos de valor, além das constantes desperdícios das escolas e dos problemas de ameaças de morte contra professores e mesmo entre os próprios alunos.

Os alunos se unem às suas gangues e promovem brigas, arruaças, atos de vandalismo, espancamentos, assaltando outros estudantes e demais pessoas nas ruas para roubar dinheiro, tênis, jaquetas e outros bens. Pode-se aferir que a indiferença em relação aos diversos problemas sociais, dentre eles a falta de perspectivas de emprego, pois os adolescentes foram colocados como principal alvo das mazelas da sociedade capitalista, uma vez que passaram a disputar a selvageria do mercado de trabalho em condições desiguais, a ausência de projetos coletivos, o modelo econômico excludente fundamentado no pensamento neoliberal, a própria desestruturação familiar, a falta de auto-estima, de referências, o descrédito dos valores sociais e morais, as diferentes formas de ritualização da violência doméstica e agressão física familiar, negligência, omissão, consumo de drogas, alcoolismo, violência.

A escola tem um importante papel de prevenir e lidar com a violência e comportamentos agressivos. Esse papel é na verdade de toda a instituição escolar, mas em especial dos professores que estão entre os principais atores do processo educativo. Conforme Royer (2002, p. 253):

“...os professores, no decorrer de sua formação inicial ou mais adiante, tem que desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos agressivos nas escolas. Sejam mais claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não é mais suficiente para educar os jovens que hoje freqüentam nossas salas de aula”.

Para tanto no decorrer do processo de formação do professor é preciso que sejam traçadas estratégias que visem o desenvolvimento de conhecimentos e capacidades nos professores e demais profissionais que trabalham na escola, pois eles receberam pouca ou nenhuma formação sobre como propiciar uma boa educação aos jovens que demonstram comportamento agressivo e em como lidar com a violência nas escolas.

Alternativas, para superar a condição de violência, tem sido motivo de reflexão a partir da busca de saberes e fundamentações dentro da Sociologia, Psicologia, Antropologia e Educação, entre outras. Não poderia ser diferente, pois os seres humanos são produtos da história e forjadores da história, através de ações construtivas e destrutivas, em virtude de suas inteligências e vontades. Entretanto, as análises dos comportamentos humanos, para além das características fisiológicas e psicológicas que lhes são peculiares, necessitam ser elaboradas para a compreensão do fenômeno violência dentro da relação docente-discente estabelecida no contexto escolar.

As causas da violência não são essencialmente de natureza social é preciso acabar com a idéia de que a violência está exclusivamente associada a pobreza, se assim fosse a grande maioria da população estaria constantemente envolvida com a violência. Assim inúmeros fatores presentes na sociedade estimulam a violência. A sociedade de consumo ao alimentar aspirações e despertar esperanças que não se concretizam acaba marginalizando muitos indivíduos do processo de produção e consumo, de valores morais, exalta o prazer e o dinheiro como valores supremos da vida.

A agressividade explode diante do menor desagrado, a violência decorrente é desproporcional às causas que deram origem a situação. Não obstante, muita coisa pode ser feita para impedir o crescimento da violência ou para eliminar as causas geradoras. Para tanto um primeiro passo é acreditar que isso é possível, e conscientes das dificuldades a serem enfrentadas, buscar contê-la da melhor maneira. Porém, os esforços irão defrontarem-se com fortes interesses como, por exemplo, o que está por detrás do tráfico de drogas que se constitui numa das causas mais freqüentes dos atos de violência cometidos pelos jovens nas escolas.

Para um determinado grupo de pessoas a violência é rentável, portanto, combatê-la significa desafiar os interesses dessas pessoas que não medem esforços para continuar usufruindo a custa da desgraça alheia. Porém as pessoas que praticam essa violência encontram-se em risco permanente

uma vez que a violência originária da disputa entre estes grupos, não raras vezes, volta-se contra eles mesmos.

Faz-se necessário, considerar então, que são muitas as dificuldades para se eliminar as causas sociais da violência, pois a resistência à transformação se faz presente na sociedade atual, porém também há pessoas com força e ideal querendo reverter esse quadro. Dentre as causas da violência atual estão a dissolução da moral e a desagregação social. E preciso resgatar os valores morais de respeito à vida, a liberdade, fraternidade, solidariedade e justiça.

Os educadores devem se preocupar com o destino da educação, se empenhando para que a escola em conjunto com a família, o Estado e a sociedade possa cumprir o seu papel lutando contra o sucateamento do ensino. Todavia, o Estado deve assegurar a implementação de políticas públicas eficazes que eliminem as chagas sociais geradoras da violência; viabilizar medidas econômicas que ampliem a oferta de empregos, que façam com que as instituições sociais funcionem de fato permitindo que os direitos dos cidadãos e cidadãs estejam garantidos.

A política de formação de professores na opinião de Royer (2002), assinala que será correta e eficaz se os professores compreenderem como os comportamentos agressivos se manifestam nos jovens; se eles compartilharem que a educação e a escola podem evitar que a violência se desenvolva e tenha continuidade; se eles agirem de forma ativa frente à violência; se convencerem de que as intervenções precisam ser formuladas para cada caso; se valorizarem a formação continuada tendo claro que só a experiência não basta; se integrarem em sua prática os novos conhecimentos; se formarem parcerias com os pais e reconhecerem a importância do trabalho em equipe.

O emprego da violência provoca uma postura radical que agrava as situações de injustiça. Dizer "não" à violência implica em manifestar-se contra as correntes que originam a violência. O "não" à violência só será legítimo, na medida em que houver o compromisso de luta contra todos os que alimentam a

violência no mundo e quando os direitos essenciais e a dignidade humana dos cidadãos estiverem assegurados. Assim um dos caminhos mais importantes para acabar com as injustiças sociais é o das reformas sociais que promovam transformações substanciais no atual sistema e um sólido trabalho de formação dos jovens nas escolas, para isso é preciso que haja uma sólida formação dos professores. Todavia, importantes aspectos devem ser considerados dentro dos fatores sociais, familiares, profissionais e da aquisição e transmissão de valores, quanto ao lugar que os seres humanos ocupam na sociedade e os papéis que os mesmos desempenham nesta mesma sociedade.

Conforme Michaud (1989), a sociedade pela condição de historicidade e conseqüente movimento, acarreta transformações que, pela diversidade de desenvolvimento, origina conflitos, pertinentes à dúvida, incerteza e desigualdade. Sendo assim, apesar da diversidade dos grupos humanos, alguns valores recebem uma adesão mais ampla, mas isso não pode dissimular a divergência e a heterogeneidade das convicções. A idéia de violência cristaliza essa heterogeneidade e essas divergências, tanto que o recurso a ela para apreender os fatos é o indício mais seguro de que estão em causa valores importantes no centro de um antagonismo.

Os diferentes sujeitos como seres biopsicossociais, determinam grupos sociais em que o trabalho, o lazer, os estudos e, sobretudo, a convivência familiar, significa formas de participação, onde o objetivo, em maior ou menor escala para a consecução de um propósito bem comum, exige constantes adaptações. Em relação a família Bruschini (1997, p. 77), enfatiza que:

“Além de ser o lugar onde se forma a estrutura psíquica, a família constitui um espaço social distinto, na medida em que gera e consubstancia hierarquias de idade e de sexo. Ela é um espaço social onde as gerações se defrontam mútua e diretamente, é onde os sexos definem suas diferenças e relações de poder. As funções da família englobam também aspectos econômicos, sociais e ideológicos que não são destacáveis do cotidiano familiar e que por isso, sugerem que a família merece uma atenção especial

pelas particularidades de que é composta, face ao fato de que ela não é uma soma de indivíduos, mas um conjunto vivo, contraditório e cambiante de pessoas com sua própria individualidade e personalidade”.

Desse modo as relações sociais são intercaladas também pelas tensões conflitos que, em virtude do movimento social e desejo de integração, desencadeiam a agressividade que, em algumas ocasiões, se desvirtua em atos de violência. Como a agressividade individual está ligada ao meio social, seja pelo caráter íntimo da família, como em relação às instituições, as tensões e aos desentendimentos, podem permanecer em estado latente, até que situações determinadas favoreçam o afloramento dos conflitos. Pelo fato de não existir o diálogo como forma de escutar e atender reivindicações, não há preservação do bem comum.

No artigo “Violência nas Escolas”, Ricci (1999) assegura que a violência juvenil é mais complexa do que pode parecer. Pesquisas demonstram que essa violência pode ser atribuída ao uso de drogas, muito mais do que ao desemprego. Para o autor, pessoa violenta é aquela que se desenvolve em um ambiente de ódio coletivo (racismo, por exemplo), e que é exposta a situações de voracidade ânsia de poder, (narcisismo).

Este mesmo estudo revela que o crack, por ser uma droga compulsiva, parece gerar furtos e outras infrações entre adolescentes. Pesquisa recém divulgada pela Universidade Federal de São Paulo indica que 28% dos estudantes de escola pública utilizaram ou utilizam drogas. A pesquisa do Instituto Brasileiro de Pesquisa de Opinião-IBOPE, citada por Ricci (1999) mostra que o maior fator de consumo de drogas entre jovens é o sentimento de abandono familiar (35% dos usuários de drogas).

Pode-se dizer que, o respeito e o trabalho conjunto pode propiciar melhores condições de desenvolvimento do trabalho. Neste aspecto o processo de ensino e aprendizagem quando firmado no respeito entre professores e alunos há uma maior propensão para que os objetivos traçados tanto pelo professor como pelo aluno possa vir a fluir de modo significativo e prazeroso. Se

os educandos admiram e respeitam o professor, ele já tem meio caminho andado para desenvolver os conteúdos curriculares.

Para que o professor consiga realmente desenvolver sua proposta de trabalho é preciso ter boas táticas. Uma das melhores formas de ensinar os jovens é fazer da sala de aula algo bem próximo do mundo deles. Muitos pais costumam justificar as ações de seus filhos afirmando que tudo não passa de uma fase. No entanto, é preciso que se tenha consciência de que nem sempre, atitudes inadequadas do aluno são totalmente justificadas pela fase por que passa. Na concepção de Train (1997), agressividade ou problemas de socialização podem ter causas mais sérias, com as quais o educando não sabe lidar.

Train (1997) considera que, vandalismo e agressões verbais e físicas, por exemplo, podem ser resposta do jovem ao mundo que o cerca. Cobranças por bom desempenho escolar e por atitudes maduras geram ansiedade e reações inadequadas, já que ele não se sente apto a atender às expectativas. Na opinião do autor é preciso procurar saber como é o relacionamento do aluno com os pais e que idéia faz de si mesmo e de seu futuro. Se ele encontrar na escola um local para expressar seus pensamentos e descobrir suas aptidões, o nível de ansiedade e a agressividade diminuem. É preciso, portanto, disciplinar o educando para que assim possa haver o processo de aprendizagem. Segundo Vasconcellos (2000, p. 42):

“...a disciplina consciente e interativa, pode ser entendida como o processo de construção da auto-regulação do sujeito e/ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo”.

A pessoa que aceita os limites impostos passivamente, ficando alienado às várias situações, onde o silêncio, a falta de iniciativa caracteriza a falta de interação desta com o meio em que está inserido, também pode ser caracterizada como indisciplinada. Na visão do autor, a disciplina não é apenas uma maneira passiva de se agir, mas, um respeito mútuo, onde as normas e

limites são colocados para que se possa trabalhar, desenvolver e transformar a realidade sem agredir a já existente. Portanto, há a necessidade de se adaptar às regras e isto se dá num processo interpessoal do sujeito assim como da convivência em grupo e também em sociedade.

Após este processo de adaptação é que estará apto a interagir e transformar o ambiente em que vive e conseqüentemente criando novas normas a serem seguidas. Isto vem de encontro às palavras de Freire, citado por Vasconcellos (2000, p. 41): "Ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade". Considerando a palavra disciplina, ao analisar o seu significado, percebe-se que apesar de ser amplo vai de encontro aos vários conceitos que assume em seus mais variados meios.

Analisando os conceitos de disciplina no sentido geral percebe-se que está diretamente ligada a todos os meios: social, moral e intelectual, refletindo principalmente nas escolas que são responsáveis em ajudar no desenvolvimento dos indivíduos em todos os seus aspectos. Desse modo é necessário compreender a disciplina, também no contexto escolar, que apesar de ter a mesma fundamentação pode assumir conotações específicas, pois a escola reúne elementos múltiplos sobre esta questão, mas o que se pode acentuar no presente comentário é que o fenômeno agressividade pode gerar o que se denomina como indisciplina ou comportamento fora do padrão dita normal.

Em sua pesquisa sobre a violência nas escolas, Laterman (2000) assinala que o que mais apareceu como expressão da violência tanto para alunos quanto para professores foi o conjunto das relações cotidianas entre os atores sociais. Vale ressaltar que, Laterman (2000, pp. 124,125), diz que as brincadeiras feitas entre os alunos apontados como:

"... bagunceiros não são consideradas como violência por ninguém, mas sim indisciplinas. Entretanto, a interpretação destes fatos se modifica quando a discussão entre aluno e professor começa: o desrespeito aparece, os

dois se tratam como iguais, cobrando direitos e deveres, os professores procuram, às vezes, se impor humilhando o aluno que não aceita e fala mais alto, palavras de baixo calão entram na conversa e a emoção é grande: alunos ficam com ódio, os professores se sentem agredidos e desabafam que não estão aqui para agüentar isso”.

Com relação à formação dos alunos, a escola precisa cumprir o papel de construtora de identidades positivas. Assim, numa sociedade que é, ou pretende ser, plenamente democrática, a filosofia e a prática educativas devem orientar-se no sentido de formar a cidadania plena, garantir os inalienáveis direitos humanos, promover o respeito diversidade, eliminar as desigualdades sociais, apagar o que é tido como depreciativo nos grupos estigmatizados, desaprovar as atitudes e comportamentos sociais que discriminam indivíduos e grupos.

Lembra ainda o autor anteriormente citado que, a educação formal é a chave para a cidadania, ela se forma com a abertura da estrutura social a todos aqueles que estão marginalizados. Existem no interior da escola resistências que compreendem a importância da escolaridade e também mecanismos que absorvem os impactos que a escola sofre freqüentemente. Tanto alunos quanto professores dizem que nada é feito para lidar com o problema da violência, porém, Laterman (2000, p. 129), ressalta que: “... este não fazer nada é uma forma da escola absorver estes impactos e continuar seguindo, equilibrando-se entre a ordem e a desordem (...) aceita-se que o caos é parte da vida escolar”.

CONCLUSÃO

A agressividade manifestada em grande parte dos educandos remete a prática de violência fato que tem aumentado assustadoramente em escolas de ensino fundamental e médio. Na concepção de muitos estudiosos o fenômeno violência pode está ligado as condições sociais das famílias dos educandos.

Para combater a violência no meio escolar é imprescindível o combate em primeiro plano a agressividade que muitas crianças e adolescentes manifestam no âmbito da sala de aula, neste aspecto o engajamento real da sociedade e dos governos é imprescindível no combate à violência em especial nas escolas como estratégia de efetiva mudança da situação atual, bem como a fim de impedir o agravamento do problema.

Mediante os estudos desenvolvidos no campo da Psicologia e Sociologia, entre outras ciências humanas, chega-se à conclusão de que os seres humanos trazem consigo um impulso agressivo. Para se ter uma compreensão sobre o fenômeno agressividade é preciso antes de todo compreender que o mesmo constitui um fator que se mostra interligado ao comportamento emocional que faz parte da afetividade dos seres humanos. Portanto, é algo natural. No entanto, a maneira de reagir frente á agressividade varia de sociedade e cultura.

No presente trabalho vale salientar que a agressividade é vinculada a prática de ações que notificam um comportamento fora dos padrões ditos normais da sociedade, neste aspecto destacou o tema em foco levando em conta a realidade educacional, estabelecendo entre agressividade e violência como fatores interligados, levando em conta que os alunos que se mostram mais agressivos são justamente aqueles que praticam atos violentos no seio escolar.

No contexto educacional a agressividade se faz expressa em muitos casos por meio de atos em que o educando provoca a indisciplina,

caracterizando o seu comportamento irrequieto e em alguns casos propicio a se mostrarem agressivos e violentos.

Para muitos professores a agressividade por parte do educando pode ter sido gerada no seio familiar ao visualizar brigas dos pais ou de irmãos, entre outros membros da família. Vivenciando cenas às vezes de espancamentos os filhos chegam à escola imbuída de elementos que bem caracterizam o seu comportamento agressor diante de seus semelhantes.

A família pode e deve buscar condições para superar o problema da agressividade, pois do contrário o que se terá no âmbito desta serão futuros problemas, gerando assim distúrbios os quais se manifestam nos mais diferentes segmentos destas. Na escola a incidência de alunos violentos chega a surpreender os estudiosos do assunto, dando assim margem para que venham a serem desenvolvidas as inúmeras pesquisas sobre o comportamento do ser humano.

A violência nas escolas é gerada a partir do caráter agressivo daqueles que estão ligados a mesma. Na presente monografia é defendida a idéia de que, as raízes da agressividade e violência estão exteriores a escola, portanto o seu enfrentamento requer a participação da sociedade em geral e da comunidade local, em particular. Pensar que medidas podem ser tomadas e apoiar as iniciativas de mobilização social que assumem o compromisso com a redução da violência na sociedade e nas escolas é um dos caminhos viáveis, assim como promover a realização e disseminação de projetos nas comunidades enfatizando o diálogo e o respeito aos ideais dos jovens viabilizando a participação familiar e comunitária através do desenvolvimento de propostas de ação local.

Combater a agressividade e a violência no contexto tanto família como escolar constitui uma das principais propostas que se espera despertar por meio do presente trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. *Manual de psiquiatria infantil*. Barcelona: Masson S.A., 1977. 454p.
- AZEVEDO, J. A. *Alterações mnésicas provocadas por lesões cerebrais*. Lisboa; ISPA, 1984. 205p.
- BRITTO, L. *Criança, violência e cidadania*, tradução: Maria Luiza. Campos de Caldas: Record, 1994. 165p.
- BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, Maria Amália; GUERRA, Viviane N. de A. *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1997. 222p.
- CECCARELLI Paulo Roberto. Delinquência: resposta a um social patológico. In: *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*. São Paulo: Livraria Pulsional, 2001. 291p.
- CECCON, Claudius e OLIVEIRA, Rosilka Darcy de, et alii. *A vida na escola e a escola na vida*. Petrópolis: Vozes, 1997. 95p.
- CHABOT, D. *Cultive a sua inteligência Emocional*. São Paulo: Pergaminho, 2000. 192p.
- CHAGAS, P. *Agressividade no crescimento*. Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, 1999. 222p.
- CUBERO, N. S. *Cuestionário A-D conductas antisociales-delictivas*. Madrid: TEA, 1998. 240p.
- DAMÁSIO, R. D. *O erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*, Mem Martins, Publicações Europa América, 1995. 330p.
- DAMÁSIO, A. *O sentimento de si*. Publicações Europa-América, 2000. 180p.
- FERREIRA, Luiz Gonzaga Rebouças. *Redação científica: como escrever artigos, monografias, dissertações e teses*. 3 ed. Ver. Fortaleza: Edições UFC, 2001. 88p.
- FERNANDES, B. *Filosofia e psiquiatria (experiência Portuguesa e suas raízes)* Ensaio. São Paulo: Biblioteca Filosófica, 1990. 201p.
- FORQUIN, J. C. *Escola e cultura: as bases sociais e estímulo dicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 205p.
- GLEITMAN, H. *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. 205p.

JOSÉ, E. A & COELHO, M.T. *Problemas de aprendizagem*. 12 ed. São Paulo: Ártica, 2004. 232p.

KAPLAN, Harold. *Compêndio de psiquiatria: ciências comportamentais*. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 636p.

LATERMAN, I. *Violência e incivilidade na escola: nem vitimas, nem culpados*. Florianópolis. Letras Contemporâneas, 2000. 177p.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Btica, 1989. 310p.

MIELNIK, Isaac. *O Comportamento infantil: técnicas e métodos para entender crianças*. São Paulo: Biblioteca Psicologia e Educação, 1993. 261p.

ODÁLIA, N. *O que e violência*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 93p.

RALHA-SIMÕES, H. *Dimensões pessoal e profissional na formação de professores*. Lisboa: Aveiro, 2000. 230p.

RICCI, Rudá. O perfil do educador do século XXI: de boi a coice de boi de cambão. In: *Educação e Sociedade*. N. 66. Ano XX. Campina: Caderno CEDE, 1999. 150p.

RIDEAU, Alain. *400 dificuldades e problemas das crianças*. Lisboa: Verbo, 1997. 180p.

RODRIGUES, N. Colegiado: instrumento de democratização. *Revista Brasileira de Administração Escolar*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 72-79, jan./jul. 1985. 250p.

ROYER, E. A violência escolar e as políticas da formação de professores. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002. 320p.

SALK, L. *O que toda criança gostaria que seus pais soubessem*. 14 ed., Rio de Janeiro: Record, 1992. 222p.

SAVIANI, Demerval. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: *Pedagogia histórica: primeiras aproximações* São Paulo: Cortez/Autores Associados, (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo), 1990. 128p.

SORGE, B. *A violência*. São Paulo: Loyola, 1993. 140p.

STORR, Antony. *Agressão humana*. Tradução Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 144p.

TRAIN, Alan. *Ajudando a criança agressiva: como lidar com crianças difíceis*. Tradução de Lúcia Reily. Campinas-SP: Papyrus, 1997. 247p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Avaliação: concepção dialética do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Cortez, 2000. 170p.

WEIL, P. *A criança, o lar e a escola*. Guia prático de relações humanas e Psicológicas para Pais e professores. Petrópolis: Vozes, 1999. 184p.